

Aquilino Ribeiro: Um Grande Autor que (também) Escreveu para Pequenos Leitores

Sara Reis da Silva

Inesquecível, irrecusável, incontornável, clássico ou canónico são algumas das palavras que a (escassa) crítica académica e divulgativa, centrada na literatura de potencial recepção infantil-juvenil, tem pronunciado acerca de Aquilino Ribeiro (AR) (1885-1963) e a propósito dos três livros que escreveu tendo em mente os leitores mais novos.

Com uma obra extensíssima no domínio da literatura institucionalizada ou canónica, o autor de *Estrada de Santiago* (e do célebre, aí incluído, *Malhadinhas*) (1922) ou de *A Casa Grande de Romarigães* (1957) deteve-se, ainda, na escrita de obras cuja redacção é motivada pelo nascimento dos filhos, nos casos de *Romance da Raposa* (1924) e *Arca de Noé III Classe* (1936), e da neta, no caso de *O Livro de Marianinha* (1967)¹. São, na verdade, estas obras que possibilitam a inclusão de Aquilino no conjunto dos «grandes autores para pequenos leitores» (Gomes e Roig Rechou, 2007) ou, por outras palavras, no universo dos «grandes romancistas portugueses que escre-veram para crianças», na linha do que, aliás, explicita Sandra L. Beckett, no estudo intitulado *Des grands*

¹Tendo também como destinatário extratextual a criança, Aquilino adaptou alguns episódios da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, intitulado esta obra *Peregrinação: aventuras extraordinárias dum português no Oriente* (1933). Num contexto distinto do do presente ensaio, talvez valesse a pena equacionar a presença da infância e das suas diversas figurações na produção literária do autor. Lembremos, por exemplo, que a infância, como motivo, perpassa obras como *Cinco Réis de Gente* (1948) ou *Uma Luz ao Longe* (1948), apenas para citar dois exemplos.

romanciers écrivent pour les enfants: «Quelques-uns des meilleurs écrivains du XXe. siècle ont daigné écrire pour les jeunes lecteurs. (...) Certains de ces livres sont devenus des "classiques" et comptent toujours parmi les titres les plus chers de la bibliothèque de l'enfance. (...) Écrire pour les enfants est la vocation des maîtres.» (Beckett, 1997: 15 e 257).

Com efeito, é de um "clássico" – o mais importante da nossa literatura para a infância, como preconiza José António Gomes (Gomes, 2004: 77) – que falamos quando nos referimos a *Romance da Raposa*, um livro que rompe com uma certa tradição ("pedagogizante", moralista e excessivamente "fantasiosa", por exemplo) em vigor até aos anos 20 do século passado, um livro com um «papel histórico», pois representa uma nova atitude relativamente à literatura infantil por parte de alguns escritores portugueses (Lemos, 1972).

Publicada com a chancela da Aillaud & Bertrand e com ilustrações do francês Benjamin Rabier (1864-1939), criador também da famosa "La vache qui rit" (1924), e convocando uma vasta rede intertextual, na qual se desta-cam quer a obra medieval francesa *Le Roman de Renart*, quer a fabulística, nomeadamente de Esopo² – evocado pela próprio AR na dedicatória do *Romance* –, de Fedro e de La Fontaine, quer, ainda, contos de animais da tradição portuguesa³, a narrativa

²Na dedicatória, AR escreve «Personagem histórica [a raposa], para mais, era meu dever não falsificá-la. Representa, tal como vem da fábula, no guinhol com outros bichos, a todos os quais dei voz, com licença de mestre Esopo.» (Ribeiro, 2006: 8).

³Veloso (1994), suportando, em primeiro lugar, a sua análise na recolha de Leite de Vasconcelos, releva, como importantes intertextos de *Romance da Raposa*, três contos: «Esperteza da Raposa», «A Lua no Rio» e «O Lobo e a Raposa». Acrescenta, também, os contos «A Raposa no Galinheiro» e «A Raposa e o Galo», patentes na colectânea de Teófilo Braga, «A Raposa» e «A Raposa e o Galo», incluídos na recolha de Consiglieri Pedrosa, e «A Raposa e o Lobo» e «A Raposinha Gaiteira», presentes na obra de Adolfo Coelho. (Veloso, 1994: 59-60).

aquiliniana é composta por uma série de episódios ou de aventuras que têm como actantes animais antropomorfizados e cuja protagonista, anunciada pelo título da obra, é Salta-Pocinhas, «raposeta pintalegreta, senhora de muita treta» (Ribeiro, 2006: 7), aquela figura que, inscrita na memória literária colectiva, por vezes «acabrunhada e desesperada», mas sempre «arguta e resoluta», é exímia a «conceber plano[s] temerário[s]» (*idem, ibidem*: 98). Socorrendo-se de um registo narrativo forte e talentosamente estruturado, AR relata, com uma vivacidade irresistível, a «manha pícara» (Topa, s.d.) que determina o comportamento da raposa e, muito especialmente, a sua particular tendência para pregar partidas e para preparar vinganças. A obra possui uma estrutura bipartida – A Raposinha, referente à juventude, e A Comadre, centrando-se na adultez – e, nestas duas partes, cada uma composta por seis secções, a nota dominante consiste no confronto vitorioso da inteligência da raposa com a força bruta do lobo.

Romance da Raposa, no seu estilo apurado e impecável, na sua riqueza discursiva e variedade de registos, é, como escreve Esther de Lemos: «(...) uma vigorosa lição de coisas dada a brincar, e representa um passo largo para a educação do gosto literário.» (Lemos, 1973: 472). Foi, pois, com indisfarçável satisfação que vimos este título contemplado nas «listas de obras e de textos» do domínio da «Educação Literária», nas novas *Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico* (Junho de 2012), em concreto para leitura no 7º ano de escolaridade.

Em 1936, veio a lume *Arca de Noé, III Classe*. Nesta colectânea «para todas» as idades (Ribeiro, 2000: 158),

composta por seis narrativas, estruturalmente simples e nas quais permanece a mesma qualidade de escrita da obra anteriormente referida, uma vez mais, prevalece a figura animal. Como escreve o autor, assiste-se a uma «interpretação lírica e dramática da vida animal» (Ribeiro: 2000: 157), havendo, ainda, espaço para aí ficcionalizar também um herói humano, um rapaz ingénuo, “descendente” da tradição oral, especificamente do ciclo de Pedro Malasartes.

Num registo marcadamente lúdico, materializado nos três tipos de cómico (situação, carácter e linguagem), e repleto de cativantes diálogos, contam-se as venturas e desventuras dos protagonistas: um grilo que canta e alegra os campos, um macaco «trocista», artista de circo sempre em conflito com um elefante, um Coelho («pardinho») sem cauda que se distingue pela diferença, um cão («Joli, cão francês») acompanhante de um cego que descobre um tesouro, um burro com um rabo «de légua e meia» que encontra emprego em Lisboa e, por fim, as desventuras de Pedro, filho de Felícia, com um final feliz. Dá-se aí conta dos seus defeitos e/ou das suas virtudes e tematiza-se, com mestria, veios como o egoísmo, a diferença, a solidariedade, a «inocência recompensada» ou o amor à Natureza, entre outros.

A composição visual de Luís Filipe de Abreu (1935-) reproduz, num estilo elegante, os gestos e as acções das personagens, inseridas nos seus cenários, e os principais momentos de cada uma das narrativas. As suas ilustrações, pequenos quadros, representam, sem dúvida, um excelente apelo à contemplação e à leitura da obra em apreço.

Uma nota, ainda, para assinalar não apenas o facto de, nesta obra, numa secção intitulada «Instruções a quem se proponha ler a Arca de Noé, III Classe», AR dirigir alguns conselhos ao mediador adulto, mas também de propor uma recepção leitora por parte de pequenos e grandes, tendo como intenção «divertir uns» e «interessar outros» (Ribeiro, 2000: 157). Trata-se, com efeito, de uma perspectiva manifestamente inovadora para a época.

Definido por Natércia Rocha como um livro onde se desenrola um «jogo de esconde-agarra entre hoje, ontem e amanhã» (Rocha, 1985: 14), *O Livro de Marianinha*, escrito em 1962 e publicado em 1967, é o último dos três títulos que AR dirige aos leitores mais novos. Nesta obra póstuma, «em prosa rimada», marcada por um tom notoriamente afectivo e, por vezes, nostálgico, a memória, a ligação ao espaço rural e a valorização das suas vozes reflectem-se no discurso vivo e expressivo – por exemplo, ao nível da componente fónico-linguística – que distingue a série de «lengalengas e toadilhas» aí incluídas, distribuídas por duas partes («Primavera» e «Céu Aberto») e emotivamente dedicadas à neta Mariana.

Nesta, como nas obras anteriores, a variedade lexical, as comparações e as metáforas, não raras vezes de índole naturalista, as interjeições e as onomatopeias, por exemplo, dão corpo a um discurso manifestamente vivo ou entusiasmado/entusiasmante, nascido de um incontido fascínio perante a vida vivida no seio da Natureza, um sentir sempre renovado e encantado face à beleza do prado na Primavera, aos bezerros que pastam no lameiro, à chuva, à neve, ao canto

do rouxinol, ao «amigo carvalho» (Ribeiro, 1993: 12) ou ao trabalho do pastor.

As ressonâncias ou a recuperação e reinvenção de formas literárias da tradição oral são, aqui, fundamentais e, por isso, não é de estranhar a presença da Joaninha pintadinha que «avoá, avoa» (*idem, ibidem*: 44), da cigarra e da «formiga rabiga» ou da nau catrineta.

As ilustrações de Maria Keil (1914-2012), numa técnica que associa o desenho e a pintura, testemunham delicadamente as isotopias mais relevantes da obra, acrescentando, por vezes, pormenores ao texto. Como em outros trabalhos desta artística plástica, as figuras infantis e os animais ganham uma forma e uma cor especiais.

Considerados pelo próprio AR como «alegrias puras» (Ribeiro, 1961: 176), os textos dedicados aos mais novos aqui relidos evidenciam uma qualidade inegável. *Romance da Raposa, Arca de Noé III Classe* e *O Livro de Marianinha* têm, pois, resistido à erosão do tempo, continuando a agradar a leitores de todas as idades. Assim acontece com a “grande literatura”.

Referências bibliográficas:

- BECKETT, Sandra L. (1997). *Des grands romanciers écrivent pour les enfants*. Grenoble: Les Presses de l' Université de Montréal – Éditions littéraires et linguistiques de l'université de Grenoble.
- GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa:

Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

– GOMES, José António (2005). «Literatura Portuguesa para a infância e a juventude: os inícios (período 1900-1945)» in *Boletín Galego de Literatura*, nº 32, 2º semestre (2004). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 67-102.

– GOMES, José António e ROIG RECHOU, Blanca-Ana (coord.) (2007). *Grandes autores para pequenos leitores: elementos para a construção de um cânone*. Porto: Deriva.

– LEMOS, Esther de (1972). *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional – Direcção-Geral da Educação Permanente.

– LEMOS, Esther (1973). «Infantil, Literatura» in COELHO, Jacinto do Prado (1973) (dir.). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas.

– LOPES, Óscar (1994). «Aquilino Ribeiro e a Infância» in *A Busca de Sentido*. Lisboa: Caminho, pp. 179-191.

– METZELTIN, Michael (1981). *Introdução à leitura do Romance da Raposa Ciência do texto e sua aplicação*. Coimbra: Almedina.

– RAMOS, Ana Margarida (2009). «O Livro de Marianinha e a reescrita da memória da infância» in FERREIRA, António Manuel e NETO, Paulo (coord.). *Voltar a Ler/3*. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 121-135.

– RIBEIRO, Aquilino (1961). *Romance da Raposa*. Venda Nova-Amadora: Bertrand (ilustrações de Benjamin Rabier).

– RIBEIRO, Aquilino (1993). *O Livro de Marianinha*. Lisboa: Bertrand Editora (2ª ed.) (ilustrações de Maria Keil).

- RIBEIRO, Aquilino (2000). *Arca de Noé III Classe*. Lisboa: Bertrand Editora (ilustrações de Luís Filipe de Abreu).
- RIBEIRO, Aquilino (2006). *Romance da Raposa*. Lisboa: Bertrand Editora (3^o ed.) (ilustrações de Benjamin Rabier).
- ROCHA, Natércia (1984). *Breve História da Literatura Portuguesa para Crianças*. Coleção «Biblioteca Breve». Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- ROCHA, Natércia (1985). «Balanço do ano literário de 1984 em Portugal/Literatura infanto-juvenil», *Colóquio/Letras*, N^o 84, pp. 13-14.
- SILVA, Sara Reis (2009). «O *Romance da Raposa* ou «o elogio formidável do individualismo» in FERREIRA, António Manuel e NETO, Paulo (coord.). *Voltar a Ler/3*. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 111-120.
- TOPA, Francisco (s.d.). «Em torno da obra *infantil* de Aquilino Ribeiro» – disponível em <http://web.lettras.up.pt/ftopa/Artigos%20Orais-pdf/Aquilino%20Ribeiro.pdf> (consultado no dia 01 de Dezembro de 2013) (originalmente publicado em *Ruralia*, n^o 2, Arouca, 1992, pp. 115-147, e *Cadernos Aquilínianos*, n^o 11, Viseu, Centro de Estudos Aquilínianos, 2000, pp. 25-50).
- VELOSO, Rui Marques (1994). *A obra de Aquilino Ribeiro para Crianças. Imaginário e escrita*. Porto: Porto Editora.
- VELOSO, Rui Marques (s.d.). «Vidas e Obras: Aquilino Ribeiro» - disponível em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/vo_aquilino_a.pdf (consultado no dia 01 de Dezembro de 2013).